

Harmonia Vocálica como Processo Desencadeador de Mudanças Estruturais na Língua Guajá

(Vocalic Harmony as a Trigger to Structural Changes in Guajá)

Marina Maria Silva MAGALHÃES *

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

RESUMO

A língua Guajá é falada por aproximadamente 250 índios que vivem atualmente nas Terras Indígenas Awá, Caru e Alto Turiaçú, situadas no noroeste do estado do Maranhão. Pertence ao subgrupo VIII da família lingüística Tupí-Guaraní, que inclui também o Takunyapé, o Urubu-Ka'apor, o Wayampí, o Wayampipukú, o Emérillon, e o Zo'é (RODRIGUES, 1984, 1985 e CABRAL, 1996).

Neste trabalho, descrevo mudanças estruturais em processo na fala das gerações mais novas, contrastando esses dados com os das gerações mais velhas e ressaltando possíveis conseqüências do processo de harmonia vocálica, produtivo na fala dos mais jovens, para a estabilidade do sistema de morfemas relacionais, que é um dos traços estruturais mais conservadores nas línguas da família Tupí-Guaraní.

PALAVRAS-CHAVE

Línguas Indígenas. Tupí-Guaraní. Guajá. Descrição Lingüística.

* Sobre a autora ver página 75.

ABSTRACT

The Guajá language is spoken by about 250 individuals who live in the Awá, Caru and Alto Turiaçu Indigenous Areas on the northeast of the state of Maranhão, Brazil. It is a Tupí-Guaraní language of the branch VIII, with Takunyapé, Urubú-Ka'apor, Wayampí, Wayampipukú, Emérrillon, and Zo'é (Rodrigues and Cabral, 2002).

This paper deals with on-going speech structural changes in youngsters, contrasting these data to older generation ones, emphasizing possible consequences of the vocalic harmony process in youngsters' speech production to the stability of the relational morphemes system, which is one of the most conservative structural feature of the Tupí-Guaraní family.

KEYWORDS

Indigenous Languages. Tupí-Guaraní. Guajá. Linguistic Description.

A harmonia vocálica

Numa perspectiva diacrônica, a língua Guajá possui uma harmonia que pode ser constatada pela comparação de formas Guajá com seus cognatos na língua Tupinambá. Esse procedimento, elaborado por Cunha (1987), parte do pressuposto de que as formas Tupinambá, pelo menos no que diz respeito às vogais, estão mais próximas das que podem ser reconstruídas para o Proto-Tupí-Guaraní.

Os dados a seguir mostram que, na língua Guajá, as vogais pré-tônicas assimilaram as propriedades características da respectiva vogal tônica, também presente no Tupinambá e em outras línguas da família Tupí-Guaraní mais conservadoras com relação às vogais.

Tupinambá	Guajá	
1) /memír/	/mimír/	“filho”
2) /potír/	/mitír/	“flor”
3) /poʔír/	/piʔír/	“colar”
4) /ekár/	/aká/	“procurar”
5) /tipáβ/	/tapá/	“seco(rio)”
6) /oβá/	/awá/	“rosto”
7) /mokáβ/	/maká/	“espingarda”
8) /uwáj/	/awáj/	“rabo”
9) /puká/	/maká/	“rir”
10) /tukán/	/takã/	“tucano”
11) /tupán/	/tapã/	“trovão”
12) /kujã/	/k ^w ajã/	“mulher”
13) /ruã/	/rawã/	“part. alética”

14) /puruã/	/parawã/	“umbigo”
15) /tukumã/	/takamã/	“coco de tucum”
16) /apurupã/	/aparapã/	“bater”
17) /sapukáj/	/tʃamakáj/	“galinha”
18) /apekũ/	/jamukũ/	“língua”
19) /pinõ/	/punũ/	“peidar”
20) /pepó/	/popó/	“asa”
21) /japepó/	/japopó/	“panela”
22) /apitĩ/	/jamitʃi/	“amarrar”
23) /kitĩ/	/kitʃi/	“cortar”
24) /rupí/	/ripí/	“por”

O fenômeno da assimilação em Guajá alcança, inclusive, sílabas mais afastadas, como pode ser observado nos exemplos 14, 15 e 16.

Além de o processo de harmonia vocálica ser verificado numa perspectiva diacrônica, esse também pode ser constatado sincronicamente no Guajá.

Os prefixos pessoais da língua têm uma forma básica que ocorre na maioria dos casos, mas, em casos específicos, apresentam alomorfes cuja vogal assimila os traços da vogal do tema verbal.

Os prefixos pessoais de segunda pessoa do singular e primeira do plural, que possuem a mesma forma *ari-*, têm um alomorfe *arV¹*- em temas monossilábicos iniciados por consoante glotal, cuja segunda vogal do prefixo torna-se idêntica à vogal do tema verbal:

- 25) a. aru-ʔú ‘você o come/ nós o comemos’
 b. aru-hú ‘você vomitou/ nós vomitamos’

Também o prefixo de 2ª pessoa do plural *pi-* tem um alomorfe *pV-* no mesmo contexto, ou seja, em temas monossilábicos formados por consoante glotal, a vogal do prefixo torna-se idêntica à vogal do tema verbal:

- 26) a. pu-ʔú ‘vocês o comeram’
 b. po-ʔó ‘vocês o arrancaram’
 c. po-ho ‘vocês foram’
 d. pu-hú ‘vocês vomitaram’

O prefixo de 3ª pessoa também tem alomorfes com a mesma distribuição: em temas monossilábicos iniciados por vogal precedida por

¹ Em todo o artigo, a letra *V* corresponde a *vogal*.

consoante glotal, o prefixo é uma vogal da mesma qualidade da vogal do tema (exemplos. 27a-e). Nos demais temas verbais, ocorre o alomorfe \emptyset (exemplos. 27f-j):

27) a. u-ʔú	‘comeu-o’
b. o-ʔó	‘arrancou-o’
c. i-ʔí	‘disse’
d. o-hó	‘foi’
e. u-hú	‘vomitou’
f. \emptyset -ú	‘veio’
g. \emptyset -nũ	‘escutou-o’
h. \emptyset -tʃá	‘viu-o’
i. \emptyset -k ^{wá}	‘soube-o’
j. \emptyset -hehé	‘lavou-o’

Muitos dos alomorfes dos prefixos pessoais decorrem da tendência à harmonia vocálica da língua. O resultado dessa harmonização é uma grande variedade de alomorfes que se distribui de acordo com a vogal do tema verbal.

Mudanças em processo na fala dos mais jovens

O processo de harmonia vocálica continua produtivo no Guajá e mudanças estruturais na língua podem estar ocorrendo em decorrência deste. Na fala de alguns dos índios Guajá mais jovens, observa-se a harmonização vocálica de uma série de prefixos relacionais que não ocorre na fala dos mais velhos.

Prefixos relacionais são morfemas que

marcariam a contigüidade ou não-contigüidade de um genitivo antes de um nome, um sujeito antes de um verbo descritivo, um objeto direto antes de um verbo transitivo e de um nome antes de uma posposição, ou seja, um dependente antes de um núcleo (RODRIGUES, 1990).

Esse processo morfossintático consiste na marcação da dependência de um determinante (um nome ou um pronome dependente) em relação ao núcleo de uma construção sintática, por meio de prefixos flexionais acrescentados ao núcleo.

A contigüidade assinalada pelo relacional é estrutural, ou seja, é contigüidade entre elementos que se encontram dentro de um mesmo sintagma, e não entre elementos de sintagmas distintos, ainda que superficialmente contíguos. Os elementos que se encontram dentro de um mesmo sintagma terão sua relação marcada pelo prefixo de contigüidade (R¹) afixado ao núcleo. Os núcleos que estiverem em sintagma distinto do de seu determinante receberão o prefixo que marca a não-contigüidade (R²).

O quadro 1, adaptado de Rodrigues (1981), apresenta os prefixos relacionais da língua Guajá distribuídos de acordo com a classe de temas a que se afixam.

Quadro 1 - prefixos relacionais

determinantes classes de temas	R ¹	R ²
Ia	∅-	i- ~ V-
Ib	∅-	∅-
Iia	r- ~ n-	h- ~ ha-
IIb	r- ~ n-	t-

Observe a ocorrência dos prefixos relacionais com temas da classe Ia registrada na fala dos índios Guajá mais velhos:

- 28) jahá a-xá i-ʔú = mehẽ²
 eu 1-ver R²-comer = quando
 ‘eu o vi quando ele comeu’
- 29) mō kará i-hó-ni mĩ-pe
 INT não-índio R²-ir-INDII lá-LOC
 ‘onde o não-índio foi?’
- 30) a-jahó-tá kó-pe i-ʔok-á
 1-ir-PROJ roça-LOC R²-arrancar-GER
 ‘eu vou para a roça arrancá-lo’

Na fala da maioria dos Guajá mais jovens, o prefixo relacional de não-contigüidade *i-* dos dados anteriores é realizado por meio de uma vogal idêntica à vogal do tema:

² Abreviaturas usadas: 1 = primeira pessoa do singular; 2 = segunda pessoa do singular; 3 = terceira pessoa; ARG = sufixo do caso argumentivo; GER = morfema do modo gerúndio; IND.II = sufixo do modo indicativo II; INT = partícula interrogativa; LOC = sufixo locativo pontual; NEG = morfema de negação; NOM = afixo nominalizador; PROJ = partícula aspectual projetiva; R1 = prefixo relacional de contigüidade; R2 = prefixo relacional de não-contigüidade.

- 31) jahá a-xá u-ʔú = mehẽ
 eu 1-ver R²-comer = quando
 ‘eu o vi quando ele comeu’
- 32) mō kará o-hó-ni mĩ-pe
 INT não-índio R²-ir-INDII lâ-LOC
 ‘onde o não-índio foi?’
- 33) a-jahó-tá kó-pe o-ʔok-á
 1-ir-PROJ roça-LOC R²-arrancar-GER
 ‘eu vou para a roça arrancá-lo’

O prefixo relacional de não-contiguidade *i-*, em temas monossilábicos formados por consoante glotal, assimilou totalmente os traços da vogal do tema e passou a ter, então, um alomorfe V- na fala dos mais jovens.

Uma possível interpretação desse fenômeno seria a de que há uma tendência à mudança da marcação dos prefixos relacionais por analogia à marcação dos prefixos pessoais de terceira pessoa. Corroborar essa hipótese o fato de que, em alguns temas, o prefixo relacional de não-contiguidade *i-* passou a *ø-*, assim como ocorre com o prefixo de terceira pessoa, que tem alomorfes *ø-* ~ *V-*.

Assim, alguns temas da classe I, que ocorreriam com prefixo R² *i-* (como em outras línguas da família Tupí-Guaraní), ocorrem com prefixo *ø-*, o que justifica a divisão desta classe de temas em Ia e Ib. Nesses temas, o relacional foi reinterpretado como *ø-* pelo simples desaparecimento do *i-* (exemplos 34 e 35), ou pela interpretação do prefixo como parte do tema (exemplo 36):

- 34) pé kwáe inamiʔi-a ø-xuʔú-ri
 lá lá jararaca-ARG R²-morder-INDII
 ‘(mais ou menos naquela distância) a jararaca o mordeu’
- 35) ø-pirã-ma’á
 R²-ser.vermelha-NOM
- 36) ø-jakã-ʔy³
 R²-cabeça-NEG
 ‘sem cabeça’

Os mais jovens, provavelmente, estenderam a analogia aos prefixos pessoais também para os temas monossilábicos:

³ Observa-se que o antigo prefixo *i-* faz parte do tema verbal, sincronicamente, quando este ocorre combinado com o pronome dependente de primeira pessoa do singular: ha ø-jakã / 1 R¹-cabeça / ‘minha cabeça’.

- 37) a-jká-tá i-'ú = pa (fala dos mais velhos)
1-matar-PROJ R²-comer = GER
'eu vou matá-lo para comê-lo'
- 38) a-jká-tá u-'ú = pa (fala dos mais jovens)
1-matar-PROJ R²-comer = GER
'eu vou matá-lo para comê-lo'

Como nos temas da classe Ib, o R2 está sendo marcado como \emptyset , não há mais oposição entre contigüidade e não-contigüidade, já que o R¹ também é marcado como \emptyset . Essa indiferenciação morfológica entre os dois prefixos relacionais resulta na perda da sua produtividade (especificamente nesta classe de temas) e pode apontar, como possível conseqüência, para a perda futura do sistema de relacionais na língua.

Segundo Cabral (comunicação pessoal), a mudança do relacional de não-contigüidade para \emptyset não ocorre somente no Guajá. Esse processo também tem sido verificado em outras duas línguas do subgrupo VIII da família Tupí-Guaraní: Ka'apór e Zo'é.

Conclusão

Diacronicamente, a harmonia vocálica em Guajá caracteriza-se pela assimilação total de vogais pré-tônicas às vogais tônicas, isto é, assimilação regressiva: da direita para a esquerda.

Observa-se que a harmonia vocálica é também vigente sincronicamente na língua, pois a assimilação regressiva dos traços vocálicos ocorre sistematicamente com prefixos pessoais que são seguidos por temas verbais monossilábicos constituídos por consoantes glotais.

Ocorre, atualmente, na fala das gerações mais novas, uma reestruturação do sistema original de prefixos relacionais. A classe de temas Ia recebe prefixos relacionais que têm alomorfes \emptyset - ou $\sqrt{\quad}$, por analogia à marca de terceira pessoa nos verbos, o que pode trazer como possível conseqüência um enfraquecimento do sistema de relacionais na língua, já que, nessa classe especificamente, não há mais oposição entre contigüidade e não-contigüidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRAL, A. S. A. C. Algumas evidências lingüísticas de parentesco genético do Jo'é com as línguas Tupí-Guaraní. **Moara - Revista dos Cursos de Pós Graduação em Letras da UFPA**, Belém, v. 4, p. 47-76, 1996.
- CLEMENTS, G. N. **The geometry of fonological features**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. **The internal organization of speech sounds**. Cambridge: Blackwell, 1995.
- CUNHA, P. **Análise fonêmica preliminar da língua Guajá**. 1987. 68f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987.
- MAGALHÃES, M. M. S. **Aspectos fonológicos e morfossintáticos da língua Guajá**. 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, 2002.
- RODRIGUES, A. D. **A case of grammatical affinity among Tupí, Karíb, and Macro-Jê**. (ms), 1990.
- RODRIGUES, A. D. Contribuições das Línguas Indígenas Brasileiras para a Fonética e a Fonologia. In: SOLÁ, D. F. (Org.). **Language in the Americas**. Ithaca: Cornell university, p. 263-267, 1984.
- RODRIGUES, A. D. Nasalização e Fronteira de Palavra em Maxakali. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGUISTICA, 5, 1981. **Anais...** v. 2. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- RODRIGUES, A. D. Relações Internas na Família Lingüística Tupí-Guaraní. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 27, p. 33-53, 1985.
- RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. Revendo a Classificação Interna da Família Tupí-Guaraní. In: RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. (Orgs.). **Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática e História**. Tomo I. Belém: Editora UFPA, [s.p], 2002.

Recebido em julho de 2006.

Aprovado para publicação em novembro de 2006.

Publicado em dezembro de 2006.

SOBRE A AUTORA

Marina Maria Silva Magalhaes é mestre em Lingüística pela Universidade de Brasília –UnB, onde realiza o doutorado em Lingüística. Autora de capítulo de livro e artigos publicados em anais de evento. É pesquisadora do grupo de pesquisa *Línguas Indígenas* (CNPq/UnB).

Temas de pesquisa: línguas indígenas; línguas da família Tupí-Guaraní; Guajá; estudo comparativo e descrição e análise de línguas.

E-mail: marinasm@yahoo.com.br